



CIDADE E CULTURA: ESFERA PÚBLICA E TRANSFORMAÇÃO URBANA

PALLAMIN, VERA (ORG.). SÃO PAULO: EDITORA
LIBERDADE, 2002

Luís Antonio Jorge

A cidade sem sentido

“A cidade não mora mais em mim”

Chico Buarque

Houve tempo em que as noções de urbanidade e humanidade decorriam uma da outra. Eram idéias convergentes. Hoje, os fundamentos ideológicos e culturais que levaram a esta aproximação estão sendo brutalmente contestados pela realidade. A cidade não mais representa os valores de civilidade intrínsecos à humanidade, que um dia geraram o humanismo e, pelo contrário, tornou-se o signo mais agudo da tragédia da desigualdade social. Incapaz de promover meios para o desenvolvimento cultural e social, há quem diga que ela deixou até de fazer sentido.

Pensar a dinâmica da cidade como expressão da sociedade é sempre uma atividade atual e necessária. Porém, o paralelo entre cidade e cultura oferece um campo de reflexão de tamanha complexidade que os esforços para defini-lo sempre nos parecerão insuficientes. Quanto a isto, uma feliz estratégia seria realizar um debate, no qual pontos de vista e áreas do conhecimento pudessem ser confrontados, enriquecendo a nossa compreensão sobre o tema. Mas o sucesso de um debate depende, fundamentalmente, das qualidades dos debatedores. Para a sorte dos interessados, foi o que ocorreu em seminário organizado em parceria, pelo Goethe Institut, representado por Marina Ludemann, e pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, por iniciativa da professora Vera Pallamin, em junho de 2000, e que agora podemos recuperar, com a edição do debate em livro intitulado *Cidade e cultura – Esfera pública e transformação urbana* (Ed. Estação Liberdade).

O benefício que este atrito de idéias produz não está necessariamente nos consensos observados, mas antes, na forma como o objeto de estudo se revela, gradual e dialeticamente, exigindo-nos um esforço de síntese, seja para revisões de nossas posições ou atitudes, seja para uma nova visita a alguns conceitos e

autores evocados com frequência no debate. Em ambos os caminhos, somos estimulados a pensar transdisciplinarmente.

Os idealizadores do encontro organizaram o debate em três núcleos, transformados em capítulos, a saber: 1. Cultura e esfera pública, com a participação de Oskar Negt (sociólogo do Instituto de Sociologia da Universidade de Hannover), Barbara Freitag-Rouanet (socióloga da Universidade Humboldt e da Universidade de Brasília) e Nicolau Sevcenko (historiador da cultura do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP); 2. Cultura e transformação urbana, com Walter Prigge (jornalista e vice-diretor da Fundação Bauhaus em Dessau) e Otília Beatriz Fiori Arantes (filósofa do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP); 3. Arte e espaço urbano: uma contraposição Berlim / São Paulo, com Claudia Büttner (historiadora da arte e curadora para arte pública na Alemanha), Vera M. Pallamin (arquiteta da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP) e Laymert Garcia dos Santos (sociólogo do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp).

O professor Negt observa que o Estado vem perdendo o poder de proteger a sociedade (ou se preferirmos, a cidade) da voracidade do capitalismo, na busca paradoxal e inglória pela competitividade econômica entre as nações na era da globalização. Ao desonerar a produção de riqueza de forma a atrair as empresas globais, acena-se para um lucro maior e cada vez mais rápido, e entrega a sociedade a mercê desta guerra comercial. Instaura-se aqui uma das questões recorrentes do debate, que diz respeito à crise da esfera pública e seu efeito erosivo no panorama cultural da sociedade contemporânea, em que os *“valores antigos já não possuem a validade de outrora e, ao mesmo tempo, há uma procura por novos valores que ainda não existem”* (Negt). Ou então, existem, mas não se assumem como tal e, perniciosamente, não permitem *“mais aflorar valores alternativos”* (Freitag-Rouanet). Trata-se do incômodo causado pela evidência de que tudo que se entende por valor reduziu-se a um equivalente monetário, tradução cristalina e definitiva do mundo regido pela hegemonia da economia. É como se vivêssemos sob a égide de um pitagorismo monetário, garantia de significação universal, parâmetro para todos os juízos e sentidos, mas também de redução grosseira daquilo que é de natureza complexa: a cultura – que tem nas cidades sua representação privilegiada, na qual as diversidades se expressam, confrontam-se e educam-se mutuamente. O melhor vinho deve ser o mais caro – assim estamos dispensados de conhecer a arte da cultura das uvas, o conjunto de operações sutis e as características climáticas, a infindável teia de variáveis que dão profundidade alquímica à arte do fazer e do apreciar o vinho e que nos atiram em um terreno pantanoso no qual as opiniões tendem a divergir e os temperamentos pessoais ou subjetivos a emergir.

Segundo o professor Nicolau Sevcenko, vivemos um momento de substituição de valores *“com os quais historicamente a nossa civilização se sentia representada, por valores postos por uma nova ordem tecnológica”*. Ele compara a Revolução Industrial, que transformou os meios de produção, com a atual revolução microeletrônica, que transformou os fins da produção, *“ou seja, os*

valores e a cultura... Um contexto, onde o reflexo prevalece sobre a reflexão, o signo sobre o símbolo e virtualidade sobre a representação”.

Sorve-se aquele vinho para embriagar (ou entreter), procura-se seu efeito narcótico, como quem está em busca de um passatempo imediato, de divertimento garantido, na era das sensibilidades programadas. Presenciamos uma expansão sem precedentes da cultura como negócio, seja como produto (e como produto, por razões óbvias, a cultura de entretenimento), seja como estratégia de promoção de outros negócios, ostensivamente presente na mídia e na cidade – o que significa tomar de assalto os espaços públicos, transformando-os em cenários ou museus, construindo-se cidades controladas e segregadas das mazelas sociais (“cidades dentro das cidades”), promovendo eventos globais por meio de um “urbanismo de ocasião”. Estas questões, ao definirem o núcleo do segundo debate entre Walter Prigge e Otília Arantes, indagam os compromissos da arquitetura e do urbanismo com valores de usos civilizatórios da cidade.

Cidade como São Paulo: cidade a vencer, a superar, como um infundável obstáculo que se renova a cada dia. Vejam as travessias que somos levados a realizar, toda a sorte de percalços em uma cidade que nos requer como um parasita do qual não podemos nos livrar. Cidade para desistir, deserddada que foi pela irresponsabilidade de sua elite dirigente. Cidade de deserddados, conspiradores, espreitando-nos nas portas dos *bunkers*, condomínios, shoppings, junto às janelas cerradas de nossos veículos, assediando-nos como uma doença da qual já não se espera cura, mas trégua. Para o professor Laymert Garcia dos Santos, São Paulo deixou de ser uma cidade, “*porque o espírito da cidade não habita mais seus moradores*”. É quando a cidade não faz mais sentido: rompeu-se o vínculo entre os homens e, portanto, abatida está a idéia de convívio (ou consenso) civilizado, fundamento mais precioso da arquitetura e do urbanismo.

Se o urbanismo não tem conseguido atuar de forma crítica, participando de ações de inserção social para restabelecer vínculos mais permanentes na sociedade, quem, então, poderia reunir as melhores prerrogativas para enfrentar este desafio? Qual o destino da cidade – esta que é o texto difícil, por excelência, do mundo contemporâneo? Saberá a arte interpretá-lo? E no panorama da arte, a perspectiva aberta pela chamada “arte pública”, com suas diferentes estratégias e atitudes diante dos lugares específicos em que ela atua, pode ser reconhecida como exemplo de “prática crítica” sobre os espaços públicos? Os fundamentos da arte pública, pensados a partir de exemplos concretos e de forma comparativa, encerram o terceiro núcleo do debate entre Claudia Büttner e Vera Pallamin.

O livro constrói com competência crítica o campo de reflexão a que se propôs, apresentando um retrato da cidade que, definitivamente, não é ameno. Livro para pensar, como esta afirmação de Vilem Flusser (citado por Freitag-Rouanet): “*uma cidade que não tem cultura própria não existe como cidade*”.

Luís Antônio Jorge

Professor do Departamento de Projeto e orientador no curso de Pós-Graduação da FAUUSP – Área de Concentração “Espaço e Cultura”.